



Mel O'Callaghan, *To the End*, 2007
(Still de Vídeo) Vídeo HD programado com flash. Cor com Som.
Shuffle indeterminado. Cortesia da artista e da Galeria Belo-Galsterer



**museu
nogueira
da silva**

UNIVERSIDADE DO MINHO

**GALERIA
BELO-
GALSTERER**

Miguel Branco, *Sem Título (Ar)*, #3, 2013 >
Impressão Ultrachrome HDR sobre papel de algodão
Ed. 1/3 + 2 Provas de autor

Inaugura no dia 5 de julho,
pelas 21:30 horas.

5 julho a 31 de agosto de 2013

produção / edição

Museu Nogueira da Silva

texto

Alda Galsterer

fotografia

Cortesia dos artistas e Galeria Belo-Galsterer

Direitos de autor: Rodrigo Peixoto para
imagem de Pedro Sousa Vieira

agradecimentos

Aos artistas, Carlos Corais, Fernando Belo,
Natalie Weiland, Pedro Canoilas

design

Miguel B. Duarte

impressão

Gráfica Vilaverdense

MNS

Av. Central 61
4710-228 Braga

www.mns.uminho.pt

informações

sec@mns.uminho.pt

253 601 275

NATURA: Natureza e Paisagem



**Ana Fonseca Ana Pérez Quiroga Cláudia Fischer
Cristina Ataíde Marcelo Costa Mário Macilau
Mel O'Callaghan Miguel Branco Paulo Brighenti
Pedro Sousa Vieira Susana Anagua**

comissariado por / curated by
Alda Galsterer



**galeria
da universidade I um**

NATURA. Natureza e Paisagem.

“One touch of nature makes the whole world kin”¹
(William Shakespeare)

Desde sempre, a natureza tem sido objecto e temática privilegiada da arte e exerceu um fascínio forte sobre o ser humano e especialmente sobre os artistas que através da sua obra tentaram desvendar os segredos da representação do mundo que os cerca.

Encontramo-nos no séc. XXI e a natureza e a paisagem continuam uma grande inspiração para muito do que se faz hoje em dia nas artes plásticas.

A paisagem enquanto sujeito naturalista e como género para o estudo da natureza (Renascimento) ou como expressão das emoções humanas e do sublime (Romantismo) quase que desapareceu, não obstante, a natureza como metáfora para a cultura, ideais e utopias mantém-se...

E numa altura em que a nossa ligação com a natureza se torna cada vez mais frágil parece pertinente apresentar diferentes posições artísticas, revelando relações existentes entre natureza, paisagem e ser humano.

Miguel Branco desenvolveu uma série de fotografias com borboletas (aqui duas de 2012) – seres frágeis, de estranha beleza e quase perfeitos – através de fotografias manipuladas digitalmente. Talvez a sua intervenção maior é a inversão das assimetrias naturais, tornando a irregularidade da natureza, simétrica. Além disso amplia o tamanho, alterando ainda mais a nossa percepção do insecto – algo que nos aparecia bonito e delicado, agora já tem um ar quase bélico e fantástico. A ideia da metamorfose levada a um extremo, por um processo artificial...

Paulo Brighenti aceitou o desafio de re-pensar a representação da paisagem: uma espécie de leitmotif. Nas suas pinturas, sejam elas a óleo, aguarela, ou carvão – o ponto de partida é sempre a natureza. Como reinventar a imagem da paisagem no século XXI? – Paulo Brighenti mostra-nos como.



Artistas como Pedro Sousa Vieira ou Ana Pérez-Quiroga utilizam a ideia de natureza num sentido mais figurativo; quando reparamos no objecto escultural de Sousa Vieira numa das salas, vemos que a natureza serviu como ‘ready-made’ para criar uma obra mais do foro conceptual e na qual o título tem um papel importante: “Here comes the waves washing the eye of the land” (2012).²

Pedro Sousa Vieira,
*Here comes the waves
washing the eye of the land*, 2012
Vários materiais - dimensões variáveis,
Cortesia do artista e da Galeria Belo-Galsterer



Mário Macilau, *Crianças de Jesus (de: Os Mazionos)*, 2011,
Prova por revelação comogénea, 80 x 120 cm, Ed. 1/6 + 2 PA, Cortesia do artista e da Galeria Belo-Galsterer

Ana Pérez-Quiroga conhecida pelas suas esculturas e instalações apresenta uma obra da série Vedute de 2005. Um objecto feito de mangueiras de bombeiros que por si próprio cria uma paisagem paralela ao espaço de exposição; e que em última instância também nos lembra os grandes incêndios que praticamente todos os anos avassalam florestas em todo o mundo.

Mel O’Callaghan no seu vídeo “To the End” (2007) confronta-nos com uma paisagem vasta e inóspita na qual um homem se movimenta perdidamente. O choque entre a natureza e o ser humano interessa à artista, a imensidão natural contraposta ao Homem pequeno e perdido. Essa luta que toma formas às vezes até bizarras, e na qual – muitas vezes – o homem falha e fica derrotado...

A obra de Susana Anágua na maioria das vezes fala-nos em paisagens industriais: moinhos gigantes de vento, turbinas de fábricas, elevadores de edifícios altamente tecnológicos... A sua instalação que integra esta mostra depende da luz à qual é exposta: uma proposta que se posiciona entre a apresentação mecânica e a interpretação poética.

A caminho do jardim do museu – espaço expositivo integrado nesta mostra – deparamo-nos ainda com obras de Marcelo Costa, Mário Macilau e Cláudia Fischer.

Marcelo Costa propõe paisagens abstractas que se distinguem pelas suas formas multi-cromáticas. Um mundo de formas e cores, em que existe uma riqueza de variedades e possibilidades enormes de combinações, indeterminada e infinita como na própria natureza.

Mário Macilau está representado com fotografias que fez em Moçambique e nas quais vemos pessoas que praticam o seu culto religioso na praia, em que a praia se transforma no lugar de purificação e renascer espiritual. Além disso, esta paisagem fala-nos também de uma terra longínqua, exótica, em tempos ocupada e colonizada, evocando também o fluxo de migração africana para a Europa.

É nesse contexto que surge a instalação de Claudia Fischer, artista alemã que na série “Personal Belongings” se preocupa com as comunidades que vivem em constante movimento à procura de um lugar seu. E como Claudia nos fala de movimento e procura, a sua instalação acaba por fazer a ponte entre o interior do museu e seu exterior – o jardim.

O que em última instância está em causa nos trabalhos destes dois artistas é a busca por um final feliz, que todos fazemos, a procura por um mundo melhor, em liberdade e paz. O (jardim do) paraíso?

Neste jardim – paradisíaco ou não – encontramos mais duas artistas: Ana Fonseca que com a sua escultura revisita as matrizes de representação de poder e dessa forma entra num diálogo com as estatuas que já existem no espaço exterior do museu.

Cristina Ataíde por outro lado intervém na estrutura do jardim com um trabalho que tem as suas origens na *landart* – a intervenção artística na própria paisagem – e direcciona o nosso olhar sobre o jardim de uma forma inesperada e surpreendente!

NATURA. Nature and Landscape.

“One touch of nature makes the whole world kin”
(William Shakespeare)

Since always, nature has been subject and privileged theme of the arts and exercised a strong fascination on Men and especially on the artists who through their work try to uncover the secrets of representing the world that surrounds them.

Now we find ourselves in the 21st century, however nature and landscape continue to be a powerful inspiration for a lot what is done in the arts today.

Landscape as a naturalist subject and as a genre for nature studies (Renaissance) or as the expression of human emotions and the sublime (Romanticism) has almost disappeared, nevertheless, nature continues to be used as a metaphor for culture, ideals and utopias...

In this show we present eleven artists (from Australia, Germany, Mozambique and Portugal) whose work relates always directly or indirectly to nature: as a model, inspiration, ready-made or as a means of critique and questioning our contemporary relationship with nature; nature as a cultural identification, as metaphor for the unexpected infinity of our universe and the bizarreness of our human life...

The artists presented in this exhibition are, in alphabetical order: Ana Fonseca, Ana Pérez-Quiroga, Cláudia Fischer, Cristina Ataíde, Marcelo Costa, Mário Macilau, Mel O’Callaghan, Miguel Branco, Paulo Brighenti, Pedro Sousa Vieira, Susana Anágua.



Ana Fonseca, *After Versailles, after Queluz (and everyone else's)*, 2010
Vários materiais - 160 x 80 x 160 cm, Cortesia do artista

1. “Um pouco de natureza faz com que todo o mundo seja relacionado.” (trad. da autora)
2. Citação livre segundo “But here comes the waves, down by the shore, washing the eye of the land” (original: The Velvet Underground; canção “The Ocean”, álbum VU (1985).)